



Revista Portuguesa  
de

# irurgia

II Série • N.º 16 • Março 2011

# O Dr. Alberto Mac Bride Soldado, Cirurgião e Cidadão

*Luiz Damas Mora\**

Coordenador do Capítulo de História da Cirurgia Portuguesa da SPC



Dr. Alberto Mac Bride (1886-1953)

Numa época em que são postos em causa os valores tradicionais e em que a participação cívica de cada um de nós é cada vez mais restrita, numa época de egoísmo, é reconfortante encontrarmos uma personalidade como o Dr. Alberto Mac Bride Fernandes – o Dr. Alberto, como era conhecido no hospital de D. Estefânia – que foi combatente da 1ª Guerra Mundial, cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa, olisipógrafo, arqueólogo, colecionador, bibliófilo, em suma, um homem da cultura.

Alberto Mac Bride nasceu em 11 de Setembro de 1886 em Lisboa, na rua dos Fanqueiros, 286, 2º, direito, prédio onde ainda hoje existe uma placa que recorda o facto. Seu pai era o Dr. Gregório Rodrigues Fernandes, nascido em 1849 em Salvaterra de Magos, notável cirurgião do Hospital de São José e Annexas a quem é atribuída a primeira ressecção do joelho realizada em Portugal e que, mais tarde, viria a ser presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Em 1929 foi atribuído o seu nome ao Serviço 4 do Hospital de São José. Gregório Fernandes tinha uma

vida social intensa, sendo grande amigo de Sousa Martins que era visita de sua casa e a cuja morte assiste.

Era um homem culto, um melómano, e é neste meio familiar e social que Alberto Mac Bride e seu irmão Eugénio, também médico, vão crescer.

Em 1904 matricula-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e faz regularmente o curso de Medicina que termina em 1909 defendendo a tese “Sobre o Syndroma de Little”, que é uma paralisia espástica infantil. Mac Bride chamava-lhe síndrome e não doença porque é causado por entidades patológicas diversas. O trabalho que, como ele diz, “me foi sugerido pelo meu querido Mestre Salazar de Sousa” é ilustrado com dois casos clínicos o Hospital de D. Estefânia. Depois de agradecer a Alfredo da Costa e a Reynaldo dos Santos, dedica-o a seu pai.

Trabalhando com Salazar de Sousa – o primeiro cirurgião pediatra português – parece querer, inicialmente, dedicar-se à Pediatria, sendo até nomeado em comissão de serviço para ir “ao estrangeiro” especializar-se. Mas, depois, segue outro rumo. Estudioso da



anestesia por inalação pública em 1910 na “Medicina Contemporânea”, a mais importante revista médica da época, o seu primeiro trabalho nesta área.

Em 1911 é cirurgião substituto do Banco dando início à sua carreira de cirurgião geral que tão brilhante se haveria de revelar. No ano seguinte é nomeado cirurgião efectivo do Banco. Começa a interessar-se pela organização hospitalar e pela carreira hospitalar, que vão ser preocupações de toda a sua vida.

Reabilita o Internato Médico que, tendo-se iniciado em 1891 com Ferraz de Macedo, se vinha a degradar desde 1901, chegando mesmo a ser extinto por Curry Cabral, e toma parte importante na concepção e redacção do respectivo Regulamento.

Repare-se que sempre se interessou por causas exteriores aos aspectos puramente técnicos da Medicina. Nesse mesmo ano, na “Medicina Contemporânea”, publica pela primeira vez um artigo no qual defende acaloradamente a criação de um Museu da Medicina que deveria ser em S. José.

Em 1913, preocupado com o tempo perdido pelos doentes antes de chegarem ao hospital, propõe a criação de um “serviço de pronto-socorro na via pú-

blica com ambulâncias – automóveis”. Era o INEM da época... Defende, também, um Banco Central em São José e postos de urgência avançados nos Hospitais de Arroios, Marinha, Militar da Estrela, Colonial e Santa Marta.

Um ano depois começa a interessar-se pela arquitectura hospitalar e com o Prof. Francisco Gentil e o Arquitecto Tertuliano Marques estuda a remodelação do Hospital de São José, sendo responsável pelas novas instalações do Banco cuja estrutura se vai manter durante cerca de quarenta anos.

Mas em breve esta vida tranquila do início do Sec. XX ia ter um fim. Em 28 de Julho de 1914 o Império Austro-húngaro declarou guerra à Sérvia. Tinha começado a Grande Guerra que iria matar milhões de seres humano e alterar a vida em todo o globo.

Portugal, que os aliados não estavam muito interessados em chamar às fileiras, só entraria em guerra em 1916. Alberto Mac Bride, que consta ter-se oferecido como voluntário, o que não consegui confirmar, vai ser um dos muitos médicos que prestaram serviço no “front” incorporados no Corpo Expedicionário Português (CEP) e cuja história está por fazer.



O Dr. Mac Bride (sentado no extremo direito da fotografia) com oficiais do C.E.P. no Hospital da Base nº1 em Ambleteuse (in “Alberto Mac Bride” de A. Luiz Gomes).



Vamos, então, seguir o percurso de Mac Bride em tempo de Guerra.

Após a declaração de guerra da Alemanha a Portugal (9 de Março de 1916) dá-se a grande mobilização do nosso contingente promovida por Norton de Matos. Nesse mesmo ano Mac Bride é promovido a Alferes-miliciano-médico e segue para França em 10 de Fevereiro de 1917 acompanhado por seu irmão Eugénio, que será o seu grande colaborador ao longo de toda a vida.



O Dr. Mac Bride (em parte oculto) participando numa intervenção cirúrgica durante a 1ª Guerra Mundial (cedida pela Liga dos Combatentes).

Em 29 de Fevereiro apresenta-se no Hospital Geral nº 11 das Forças Inglesas e em Setembro é nomeado chefe da equipa portuguesa do Hospital Geral nº 54, sendo promovido a capitão. Mais tarde é colocado no Hospital Geral Canadiano nº 3 e em 12 de Abril, três dias após a batalha de La Lys em que morreram cerca de 600 militares portugueses, é nomeado cirurgião-chefe do Hospital de Base nº1, português, sedado em Ambleteuse, no Pas de Calais, norte de França.

Não consegui o registo da casuística de Alberto Mac Bride, mas quem passou por uma guerra sabe que é aí que se encontram os mais devastadores traumatismos, sendo os mais frequentes os dos membros inferiores, que terminavam muitas vezes na amputação. Sobre este assunto o tenente-médico Jorge Monjardino, irmão de Augusto Monjardino e contemporâneo de Mac Bride na guerra, escreveu um artigo no “Lancet”

de 26 de Janeiro de 1918 intitulado “Some notes on Portuguese Surgery during the first three months on the Western Front” onde, entre outros temas, regista a percentagem de feridas de guerra por região: cabeça, 8,8%; tórax, 18,8%; abdómen, 3%; membro superior, 28,6% e membro inferior, 40,8%.

Entretanto, não descurava a sua preparação e vai por cinco vezes a Paris às reuniões do Comité inter-aliado de cirurgiões e ao Congresso Francês de Cirurgia, onde conhece os grandes cirurgiões da época, entre eles Alexis Carrel e Harvey Cushing.

Numa convocatória que conseguimos encontrar no Arquivo Geral do Exército é convidado para uma reunião em Paris, com o Prof. Tuffier, um dos “grands-patrons” franceses, de cuja ordem de trabalhos consta:

1. O tratamento das feridas penetrantes do tórax;
2. O lugar de eleição das amputações (pelos Drs. Depage e Wallace);
3. Shock traumático e gangrena gasosa.

Eram desta natureza os grandes problemas que os cirurgiões da frente tinham que resolver, muitas vezes nas piores condições. O heroísmo não é feito apenas de grandes rasgos, é também desta resistência quotidiana e quase anónima à adversidade.

Por seu lado, e de forma aparentemente paradoxal, as guerras têm uma vertente positiva a que podemos chamar benefícios colaterais. A enorme experiência de cirurgia de guerra e o contacto directo com as grandes figuras da cirurgia mundial vão criar uma elite de cirurgiões com reflexo na cirurgia mais tarde praticada em Portugal, tendo como consequência, entre outras, a reestruturação dos serviços de urgência, particularmente do Banco do Hospital de São José.

A guerra termina em Novembro de 1918 e Mac Bride regressa a Portugal em 21 de Abril de 1919. Da sua folha de serviços constam três louvores e seis condecorações. Destas destacamos a comenda da Ordem Militar de Santiago da Espada (que lhe foi entregue pelo general Gomes da Costa), a Military Cross (concedida pelo rei Jorge V de Inglaterra) e a comenda de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Bélgica (entregue pessoalmente pelo príncipe regente Carlos da Bélgica).



Em Portugal retoma a carreira nos Hospitais Cívicos de Lisboa e é colocado como assistente da Secção Cirúrgica nas Enfermarias 2 e 3 do Hospital do Rego.

Em 1920 é nomeado subdirector do Banco de São José e no ano seguinte é transferido para este hospital onde ficará até ao final da sua vida. Em 1923 é nomeado director de Enfermaria de Stº Alberto.

A lista dos louvores, condecorações e promoções é impressionante:

- Em 1925 recebe o primeiro louvor civil pelos serviços prestados durante a revolução de Abril desse ano;

- Em 1927 é louvado novamente, agora pela Direcção Geral dos Hospitais, pela sua participação no novo Formulário de Medicamentos;

- Em 1930 é nomeado director interino do Banco;

No ano seguinte é promovido a Director de Serviço e recebe a medalha de prata de comportamento exemplar;

- Em 1936 é louvado pela participação na remodelação dos quadros clínicos do Hospital e em 37 e 38 recebe mais duas medalhas: a de prata e a de ouro de Bons Serviços;

- Em 1940 é o presidente da Comissão Executiva da “Comissão para a comemoração dos 50 anos do Internato Hospitalar”, distinção bem merecida dado o seu empenho no restabelecimento do Internato.



A Comissão para comemorações dos 50 anos do Internato hospitalar. Da esquerda para a direita: Dr. Craveiro Lopes, Prof. Moreira Júnior, Prof. Augusto de Vasconcelos, Dr. Henrique von Bonhorst, Dr. Canceleda de Abreu, Dr. Matos Chaves, Dr. Alberto Mac Bride, Dr. Augusto Lamas, Dr. Fernando Pais de Vasconcelos, Dr. Mário Carmona, Dr. Miranda Rodrigues e Dr. Almerindo Lessa (in José Leone).

Mac Bride não se limita a operar. Reflecte sobre o seu trabalho (em consonância com o título do livro publicado em 2006 pelo Prof. Cardoso de Oliveira: “Os cirurgiões também pensam”!) e, principalmente na fase inicial da carreira hospitalar, tem uma bibliografia interessante e abrangente de vários campos de actividade:

- *Sobre o Syndroma de Little (Dissert. Inaugur., Lisboa, 1909).*

- *Anesthesia cirúrgica (Med. Cont., 1910, vol. XIII, série II, pág. 220).*

- *Suturas, anastomoses e transplantações vasculares (Idem, 1910, série II, vol. XIII, pág. 252).*

- *A anesthesia geral por inalação (Idem, pág. 308).*

- *O Congresso Francez de Cirurgia (Idem, pág. 332).*

- *Technica da anesthesia por inalação. O chloroformio e o éter (Idem, pág. 344).*

- *Chloroformio ou ether? (Idem, pág. 359).*

- *O internato (Idem, 1911, série II, vol. XVI, pág. 407).*

- *A anesthesia rectal pelo ether (Idem, pág. 25).*

- *O óleo camphorado no tratamento das peritonites agudas (Idem, pág. 353).*

- *O tétano dos recém-nascidos (Idem, 1912, série II, vol. XV, pág. 273).*

- *A história da medicina em Portugal (Idem, pág. 55).*

- *A trepanação sob anesthesia local (Idem, pág. 319).*

- *Os socorros de urgência em Lisboa (Idem, 1913, série II, vol. XVI, pág. 197).*

- *Perfurações da febre typhoide (Idem, 1914, série II, vol. XVII, pág. 47).*

- *Sobre abcessos cerebraes de origem ótica (Idem, 1915, série II, vol. XVIII, pág. 419).*

- *Estudos de história da medicina peninsular (Idem, 1916, série II, vol. XIX, pág. 358).*

- *A clínica médica na Escola Régia de Cirurgia (Idem, 1925, série II, vol. XXVIII, pág. 329).*

- *Primo centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto (Idem, pág. 155).*

- *Tratamento de urgência das fracturas expostas (Idem, pág. 182).*



- *Antonio d’Azevedo (Idem, 1928, vol. XLVI, pág. 201).*
- *Sutura da artéria e da veia poplitêas (J. Soc. Sc. Méd. Lisboa, 1914, tomo LXXXVIII, pág. 210).*
- *Comemoração centenária em 1923 (Coimbra, Impr. Universidade, 1927, pág. 54).*
- *A pituitrina no tratamento da paralisia intestinal (J. Soc. Sc. Méd. Lisboa, 1931, tomo LXXX-LXXXVI, Jan. 1916 a Dez. 1922, pág.38).*
- *O Dr. William Morton e a descoberta da anestesia cirúrgica – Com REYNALDO DOS SANTOS (Med. Cont., 1912, série III, vol.XV, pág 313).*
- *As perfurações intestinais na febre tifoide – Com REYNALDO DOS SANTOS (Idem, 1912, série II, vol. XV, pág. 81).*
- *O hormonal – Com EUGÉNIO MAC BRIDE (Idem, 1913, série II, vol. XVI, pág. 89).*
- *Instalações do sanitário num campo de tropas – Com EDUARDO PIMENTA (Idem, série II, vol. XXIV, pág. 395), etc.*
- *A Malária no Ribatejo (J. Soc. Sc. Méd. Lisboa, 1930).*
- *Acerca de um caso de atrofia testicular bi-lateral (Contribuição clínica para o estudo das relações da pré-hipófise com a glândula sexual masculina) – Com EURICO PAES (Imprensa Médica, nº 20, ano VIII, 1942).*
- *O problema hospitalar de Lisboa (in «Olisipo». Ano IX, nº 35, Julho de 1946)*

Deixem-me salientar dois trabalhos:

“Sutura da artéria e veia poplitêas” – em 1914 Mac Bride faz esta delicada operação já com a técnica de Carrel e, consegue recuperar a perna do doente, o que, num tempo em que ainda não havia heparina, traduz uma técnica cirúrgica perfeita.

“O problema hospitalar de Lisboa” – com 50 e 60 anos de antecipação preconiza o encerramento dos Hospitais de Arroios e Desterro e propõe novos hospitais nas zonas Norte, Oriental e Ocidental. Hoje, estão construídos ou em vias de construção. Mantinha no centro da cidade de Lisboa, remodelados, S. José e Stº António dos Capuchos.

Mas Mac Bride não é apenas, e já não era pouco,

o militar cumpridor e patriota e o cirurgião competente. Tem, para além disso, um grande compromisso cívico e filantrópico. É considerado pelos seus pares e pelos doentes um grande clínico e a isso não é estranho o facto de ser um homem da cultura, pois, não se duvide, esta contribui para o aperfeiçoamento do acto médico.

Não é um artista, mas é uma alma com sensibilidade para a arte. Colecciona. Pintura, instrumentos cirúrgicos, documentos, livros. É um bibliófilo. Continua a ser guardada no Hospital de Santa Marta a sua biblioteca de livros antigos em via de ser estudada pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O livro mais antigo data de 1542 e entre outras preciosidades tem uma 7ª edição completa da Enciclopédia de Diderot e D’Alembert.

Rodeia-se de amigos para quem a arte e a cultura são bens essenciais. Fazem parte do seu círculo os colegas e professores universitários Reynaldo dos Santos e Celestino da Costa (pai), o cirurgião Augusto Lamas, o médico e artista Jorge Cid, o escultor e medalhista João da Silva, autor do seu busto e da sua medalha, Cassiano Branco, arquitecto, os olisipógrafos Gustavo de Matos Sequeira, Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo, o historiador Rocha Martins, o escritor e médico Júlio Dantas, Augusto Casimiro, militar e escritor, o escritor António Luís Gomes, seu biógrafo, o musicólogo Mário de Sampayo Ribeiro e outros. É um escol.

Apaixonado por Évora inscreve-se no Grupo pró-Évora e cria ali o Grupo de Guias-Cicerones, sendo um dos seus primeiros alunos o historiador Túlio Espanca. Parece ser Mac Bride que inicia Reynaldo dos Santos nos estudos eborenses e o discípulo, mais tarde, vai superar o mestre, o que para um mestre inteligente é a maior ventura.

Mas Lisboa é a sua grande paixão. É o sócio fundador nº 3 do Grupo Amigos de Lisboa e preocupa-se com a cidade entregando na Câmara Municipal em 1938 o trabalho “Urbanização de Lisboa”. Juntamente com seu irmão Eugénio, outra grande figura lisboeta, também, como ele, Assistente e depois Di-



rector de Serviço de Medicina dos Hospitais Cívicos de Lisboa, faz parte de um grupo que concebe a criação do Grande Bosque de Lisboa que iria desde a serra de Monsanto, então escalvada, até Benfica, Carnide, Telheiras e Campo Grande. Com 1800 hectares só seria ultrapassado na Europa pelo Grünevald de Berlim. Seria “o pulmão para que a cidade não asfixie”.

Os irmãos Mac Bride desempenharam um papel importante na vinda a Portugal do grande urbanista francês Forestier para se estudar o prolongamento da Avenida da Liberdade, que nunca se realizou, e criar no Parque Eduardo VII “a mais bela zona verde da capital”.

Mas o amor dos irmãos Mac Bride pela cidade de Lisboa tem outras manifestações. A reabilitação do castelo de S. Jorge é objecto de um relatório que, juntamente com Gustavo de Matos Sequeira, entregaram em 1938 ao ministro Duarte Pacheco.

É também um filantropo e preocupa-se com os seus antigos camaradas de armas. Impressionado com o abandono a que o Estado tinha votado os soldados da Grande Guerra e a suas famílias (viúvas e órfãos) é, em 1923, sócio fundador da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, organização de que vem a ser bibliotecário e, mais tarde, presidente. Em 1929 organiza o I Congresso dos Combatentes da Grande Guerra e promove uma homenagem a Gomes da Costa, a quem, frente à casa do velho militar e na presença de 2000 antigos combatentes, entrega o bastão de Marechal.

Mantém nesta associação a maior actividade pelo menos até 1951, isto é, até dois anos antes da sua morte. A Liga homenageou-o descerrando o seu busto, da autoria do Mestre João da Silva, no Salão Nobre, onde ainda hoje se encontra. É ali, também, que se guardam as suas medalhas militares.

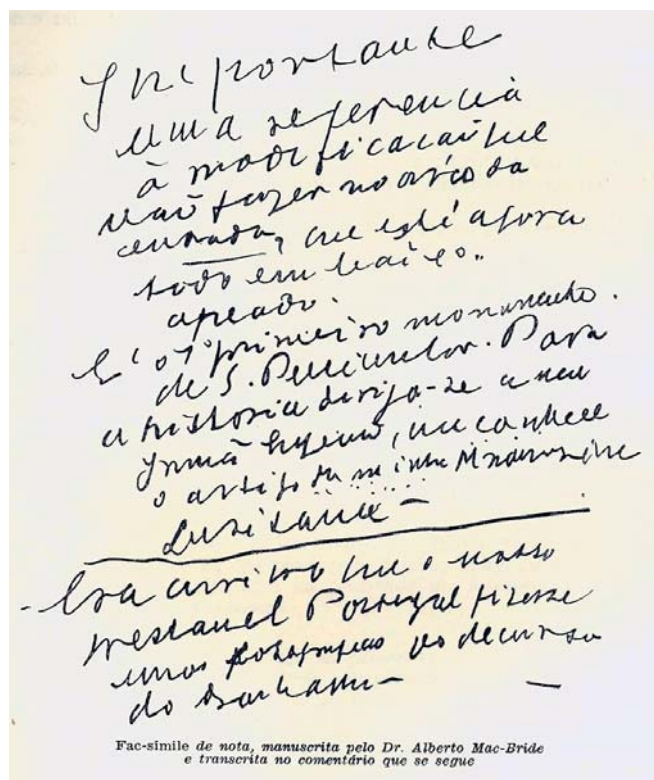
Dedicado, ainda, à arqueologia, é o sócio fundador nº 18 da Associação de Arqueólogos Portugueses.

Por seu lado as instituições médicas merecem-lhe a maior dedicação. Foi director da Associação dos Médicos Portugueses, precursora da Ordem dos Médicos e, nesta, exerceu os cargos de presidente do Conselho Regional de Lisboa e membro do Conselho da Ordem. Foi o organizador da sua biblioteca.

Em 1952 os seus pares fizeram-no presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, exactamente cinquenta anos depois de seu pai.

A imprensa médica não o deixou indiferente: durante vinte e nove anos (1910-1939) foi secretário e redactor da “Medicina Contemporânea”, um marco nas publicações médicas portuguesas.

Sempre preocupado com o Internato que, em Portugal, só havia nos Hospitais Cívicos de Lisboa, vai, em 1951, fazer uma conferência sobre o assunto no Hospital de Santo António no Porto. A conferência tem o maior êxito e a direcção de Santo António escreve ao Enfermeiro-Mor dos H.C.L., coronel Nepomuceno de Freitas, elogiando o conferente. Mac Bride é convidado para director do Hospital de Santo António, mas recusa. Jamais abandonaria o seu querido S. José. Mas tinha sido lançada a semente e em 1955 é criado o Internato no Porto.



As últimas palavras escritas pelo Dr. Mac Bride (in Revista Olisipo).

Também a biblioteca de S. José, à qual está ligado desde 1918, lhe merece a maior atenção, sendo por





O Museu Dr. Alberto Mac Bride no Hospital de Santa Marta, 1957 (cedida pelo CHLC-EPE).

ele mesmo feitos os desenhos dos armários e das prateleiras que ainda hoje lá estão, e sendo de sua responsabilidade a decoração do Salão Nobre – onde passam a ocorrer os actos solenes e os concursos médicos hospitalares – e a construção da Casa Forte para guardar os documentos mais valiosos, como o Regimento original do Hospital de Todos-os-Santos, que ali permaneceram até 1994, ano que foram transferidos para a Torre do Tombo.

Em 1952 adoece. Sentindo aproximar-se o fim quer ser internado no seu Serviço, o antigo Serviço 5 do Hospital de S. José. Cinco dias antes de morrer chama o seu amigo Eduardo Neves e escreve pela última vez, ele que tão intensamente escrevera toda a vida:

“Importante. Uma referência à modificação que vão fazer no arco da entrada, que está agora todo em baixo, apeado. É o primeiro monumento da Guerra Peninsular. Para a história dirija-se a meu irmão Eugénio, que conhece o artigo da minha Mnemosine Lusitana. Era curioso que o nosso prestável Portugal fizesse umas fotografias no decurso do trabalho.”

A doença não lhe afectara as qualidades intelectuais e morais.

Em 29 de Janeiro de 1953, aos 66 anos, morre, rodeado dos seus colaboradores e de todo o pessoal do serviço. Tinha pedido para ser levado do Hospital

para a Liga dos Combatentes, pedido que foi cumprido, tendo sido enterrado no talhão da Liga no Alto de S. João. Ao seu funeral acorreram centenas de pessoas.

Tinha morrido um Homem bom.

Um ano depois, seu irmão e o Dr. José Leone, dedicado bibliotecário de S. José, inauguram na biblioteca uma exposição evocativa de Alberto Mac Bride na qual é lançado um catálogo com prefácio do seu amigo Reynaldo dos Santos.

Finalmente, em 1957, graças aos esforços de seu irmão é realizado o sonho que nunca conseguira concretizar. Sendo Enfermeiro-Mor o Dr. Emílio Faro e administrador o Dr. Rafael Ribeiro, é criado o Museu da Medicina no Hospital de Santa Marta, ao qual é dado o seu nome. As peças são, na sua maioria, da colecção privada dos irmãos Mac Bride. Injustiçando a sua memória o museu teve vida efémera, e documentos e objectos foram espalhados pelos diferentes hospitais do grupo H.C.L., aguardando circunstâncias favoráveis para serem novamente reunidos.

A cidade de Lisboa perpetuou Alberto Mac Bride atribuindo o seu nome a uma rua do Bairro dos Olivais.

Eis o que foi a vida deste “herói sem armas, cidadão sem mácula e profissional exemplar” nas palavras de Júlio Dantas.





## BIBLIOGRAFIA E FONTES DE INFORMAÇÃO

Alberto Mac Bride – bibliografia atrás citada.

A. Luiz Gomes – “Alberto Mac Bride”, Lisboa, 1954 (ed. do autor).

Jorge Monjardino – “Some notes on Portuguese Surgery during the first three months on the Western Front” – Lancet, 26 de Janeiro de 1918.

José Leone – “Subsídios para a História dos Hospitais Cívicos de Lisboa (1948-1990)”- edição da Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital de Todos-os-Santos – 1993.

Eduardo Neves – “As últimas preocupações lisiponenses do Dr. Alberto Mac-Bride”, Olisipo, ano XVI, nº 62 – Abril de 1953.

Arquivo do Centro Hospitalar de Lisboa Central, EPE (Hospital de Santo António dos Capuchos).

Arquivo Geral do Exército.

Liga dos Combatentes.

Biblioteca do Hospital de S. José.

## AGRADECIMENTOS

Dra. Ana Quininha (CHLC)

Ten. General Chito Rodrigues (Liga dos Combatentes)

António Couto (CHLC)

Dra. Emília Clamote (Biblioteca da FML)

Manuela Ricoca Nunes (CHLC)

Dra. Maria Manuela Canedo (Gabinete de Estudos Olisiponenses)

Dra. Salete Salvado (Grupo Amigos de Lisboa)

Ten. Cor. Martins Alves (Arquivo Geral do Exército)

Teresa de Almeida (Liga dos Combatentes)

### **Contacto**

DR. DAMAS MORA

damas-mora@netc.pt



*Luiz Damas Mora*